O *Delírio do Dromedário* dança o espírito mulher
PÁGINA 3

2 CADERNO
BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL — SEXTA-FEIRA, 20 DE JULHO DE 1990

Lou Reed e John Cale lembram o *Velvet* por Warhol
PÁGINA 7

Outro seqüestro no Rio

Mais uma baixa na política cultural do "nem Deus nos acuda": o *FestRio* 90 está cancelado

MARCELO AMBRÓSIO
Correspondente/RJ

O mar não está para peixe. Depois do anúncio do cancelamento do *Free Jazz Festival*, mais um dos grandes eventos que constituem sacudir anualmente o Rio teve seu nome riscado da agenda cultural da cidade: o Festival Internacional de Cinema do Rio de Janeiro, *Fest Rio*, não deverá acontecer em 1990.

A notícia foi anunciada por seu tradicional organizador, Ney Sroulevich, com exclusividade para o **Jornal de Brasília**. O *Fest Rio* que no ano passado já havia sido em 9 cidades (Cuiabá, inclusive) em seu sétimo ano de existência, mas a atual denuncia cultural do País acabou levando-o à mesma situação onde já estão vegetando outras iniciativas que dependiam direta ou indiretamente da ajuda oficial.

Ney diz, ainda, que a parte financeira não foi a única responsável pelo cancelamento de um festival que já havia se tornado um dos mais prestigiados do mundo, inclusive em volume de negócios. "Na verdade, surgiu um impedimento técnico incontornável para isto: tínhamos que comunicar até o fim do primeiro semestre de 90 uma data para a realização à Federação Internacional das Associações de Produtores de Cinema, que é responsável pela centralização do calendário de eventos importantes nesta área. Como não pudemos fazer isso, o boletim deles saiu sem incluir o *Fest Rio*, o que equivale a um não reconhecimento caso o festival fosse realmente realizado", explica Ney Sroulevich.

A não definição da data, como se pode presumir, teve sua origem a partir das profundas mudanças no quadro cultural do País após as reformas econômicas de março. "Houve uma desarticulação geral em todos os sentidos, mas a indústria cinematográfica brasileira praticamente parou. Não havia a menor condição de se estabelecer uma data para uma feira de negócios como essa quando todos procurávamos saber de que forma a própria cultura resistiria a tantos impactos", alertou o organizador.

Brasil Novo — Ney Sroulevich faz do anúncio do cancelamento oportunidade para metralhar pesadas críticas ao projeto governamental nessa área, que considera totalmente equivocado. "A noção é simples: se o Presidente da República deseja que o Brasil faça parte do Primeiro Mundo, deveria apoiar a cultura como o fazem os países que já estão dentro deste clube. O desejo total em que vivemos hoje é algo completamente imperdoável".

O raciocínio de Sroulevich traz a descrição de como os países ricos são conhecidos no restante do mundo, primeiramente por aspectos culturais relevantes, depois por seu poderio industrial e comercial. "Não é possível falar em Estados Unidos sem mencionar Hollywood. O cinema é e sempre foi um importante instrumento de penetração econômica internacional e os americanos devem muito do que têm hoje à eficiência de sua difusão cultural. Na França, por sua vez, se conhece muito mais o Museu do Louvre do que a indústria de armamentos Marta".

Mas o Brasil, ainda de acordo com a opinião do organizador do *Fest Rio*, não estaria atravessando nesse processo de expansão econômica baseada na cultura como poderia parecer. Pelo contrário. A prova disso, teria dada pelo então primeiro-ministro chinês, Deng Xiao Ping, durante uma visita à China feita por uma comitiva brasileira levada pelo embaixador Ruiz Zappa, há três anos.

Ney Sroulevich, o "pai-de-santo" do Fest Rio: "Não há como qualquer atividade cultural sobreviver no país sem sociedade com o Estado"

Na ocasião, ao ser apresentado à maior autoridade do País, Ney contou desfilar uma série de nomes que familiarizariam o chinês com um país tropical situado do outro lado do globo terrestre. Entre outras, Xiao Ping teria em "boda" na novela *Escrava Isaura* estava sendo exibida com grande sucesso na TV chinesa, Pelma dos Santos" e *Milionário e José Rico*.

Para os que não se recordam, o cineasta Nelson Pereira dos Santos dirigiu, na época, o longa-metragem *No Estrada da Vida* — interpretado pelos extremaguentes idolos sertanejos citados pelo primeiro-ministro. O filme alcançou enorme sucesso na China e serviu como passaporte para diversas outras iniciativas feitas mais tarde.

O exemplo chinês serve bem para ilustrar a maneira como as portas econômicas se abriram após a penetração da cultura brasileira, sobretudo de tevê e cinema. A ausência de um festival como o *Fest Rio*, criado entre os 15 mais importantes do mercado mundial, pode então representar um corte violento nas atividades da economia brasileira voltada para a área cultural, ainda em desenvolvimento. Como sinal de recesso, tal fato é bem visível.

Seqüestro — O pessimismo da análise não é, no entanto, inteiramente compartilhado por Ney Sroulevich e o restante da Associação do *Fest Rio*, um grupo que ajuda a promover o evento. "Embora acredite plenamente que a cultura no Brasil foi seqüestrada pelo atual governo, não não permitiremos que exista um vácuo não só na agenda da cidade, mas também na expectativa do público em torno de algo que gera um encontro extremo de programação", disse ele.

A forma encontrada, recentemente, por sinal, para pôr em prática o ideal do grupo foi de criar uma mostra, ainda sem nome, denominada do *Fest Rio*, porém, contando com suporte artístico. Como o próprio Ney acrescenta, "seria realizado na mesma época, novembro, um festival diferente, talvez já incluindo os filmes de Gramado e até alguns inéditos internacionais, tudo dentro de uma plataformação de custos infinitamente menor".

Como novidade, a mostra circularia pela cidade, exibindo ainda um farto material de vídeo, segmento que tem se desenvolvido largamente apesar de todos os problemas. "Nossa intenção é criar um evento que seja para as pessoas um momento de reflexão e aglutinação em busca de saídas para a crise". Acrescenta Ney, que revelou estar também negociando com um possível patrocinador, cuja identidade não pode ser revelada para não atrapalhar as discussões.

De qualquer maneira, Ney Sroulevich afasta completamente a possibilidade da desvinculação prometida pelo governo federal entre Estado e Cultura — ao isolante a investimentos — daí certo no futuro. "Não há a menor condição de sonhar qualquer atividade cultural desenvolvida no País sem ajuda do governo, como é feito, aliás, em todos os países com os quais o Presidente quer que o Brasil pareça", contesta, acrescentando que o governo americano destina 600 milhões de dólares por ano só em ajuda ao cinema de arte (de onde costumam sair muitos dos profissionais de Hollywood). Aqui não seria preciso tanto: apenas um pouco mais além do nada historia.

O *FestRio* não servia mesmo pra nada! Será?

Arnaldo Jabor
(cineasta)

"Acho ótimo não ter *Fest Rio*. Acho mais, não deve haver mais festival nenhum de cinema no Brasil. Como o cinema brasileiro foi assassinado pelo atual governo, não há o menor sentido em ficar fazendo festa em velório. É esse o clima que estamos vendo".

Marisa Leão
(produtora)

"É uma pena, estamos cancelando coisa demais. O cinema brasileiro está quase sumindo das salas de projeção, perdendo totalmente o pouco mercado que tinha e com a ausência do *Fest Rio* isso só tende a piorar. Acho que o Governo precisa assumir um discurso mais afirmativo para as crises, principalmente na área cultural".

Neville de Almeida
(cineasta)

"O *Fest Rio* era um evento que gerava uma importante ligação com o cinema nacional e internacional, reconhecido pela Federação e atraía muita gente entre atores, produtores, diretores e principalmente compradores. O volume de trabalho que esse intercâmbio sempre gerou fez valer a pena ter um festival no roteiro dos principais do mundo. A não realização do *Fest Rio 90*, é mais uma prova do descaso com um setor importante da produção cultural".

Arnaldo Jabor: agora seria fazer festa em velório

Marisa Leão: coisa demais

Neville: descaso